

---

## ***One Piece* e a Luta por Cidadania: Subversão e Empoderamento no Audiovisual<sup>1</sup>**

Tainá ANDRADE DA SILVA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Esta comunicação analisa como obras não ocidentais disputam espaço narrativo com o cânone ocidental, inspirando lutas por cidadania e empoderamento. A averiguação se dá no protagonismo periférico de *One Piece*, animação japonesa que acompanha a saga do pirata Monkey D. Luffy na busca do tesouro One Piece. Usando a metodologia de análise filmica e uma revisão bibliográfica que margeia Cultura Popular e Estudos Subalternos, destaca-se a contra-hegemonia dos episódios de *Shells Town*. Esta pesquisa investiga o poder do audiovisual em defender direitos cidadãos nas produções e incentivar a força de ação dos espectadores, o que define a relevância do debate.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação e cidadania; Narrativas contra-hegemônicas; Obras não ocidentais; Poder subversivo; Transformação audiovisual.

### **CORPO DO TEXTO**

Dussel (1993) explica que o “Mito da Modernidade” coloca a Europa como o ápice da humanidade, relegando a Ásia a um estágio ultrapassado e excluindo América Latina e África, ao que resta como verdadeiramente humano, a ser seguido como padrão, aquele e aquilo que vem do Ocidente. Então, tendo como base a perspectiva de que obras não ocidentais são capazes de tomar a narrativa para aqueles que geralmente são excluídos e, assim, criar fissuras no discurso do cânone, é possível afirmar como o audiovisual é uma ferramenta para conquistas cidadãs. De acordo com Omar Rincón (2016), a cidadania, da menor à maior, é um espaço de luta e busca por reconhecimento, visando-se o bem-estar e a felicidade coletivos por meio do combate por poder. Da mesma forma, Michel de Certeau (1998) defende que o enfrentamento aos poderes está no cotidiano, onde novos usos se criam, mesmo sob influências modeladoras. Isto posto, aqui se esmiúça como produções do “Outro” que ganham espaços, dão voz aos subalternizados e inspiram ações cotidianas através do audiovisual.

Quer dizer, se o que Certeau chama de *tática* fala “de combates ou jogos entre o forte e o fraco, e das ‘ações’ que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 1998, p. 97), ao passo que, geralmente, “o lugar da enunciação e relato é um ato de poder de domínio ocidental, branco, masculino e midiático” (RINCÓN, 2016, p. 35), obras de autoria não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: [andradetaina777@gmail.com](mailto:andradetaina777@gmail.com).

---

ocidental que dão protagonismo aos marginalizados empoderam o público à margem. Pensar o *anime* japonês *One Piece* (1999) conduz ao diálogo com as lutas contra-hegemônicas e com a busca pelos direitos de cidadania, não apenas na narrativa escolhida, mas também na recepção dos episódios pelo público. Certeau afirma, justamente, que o consumo é uma forma de uso cultural que reflete o campo social e as resistências dos espectadores. Somando-se a isto, o quanto a criação de Eiichiro Oda põe os “populares-bastardos-celebrities” de Rincón nas telas, então, a capacidade de uso do consumidor permite a proposição aqui feita para responder à pergunta de Gayatri Spivak (2010): sim, o subalterno pode falar.

A escolha de *One Piece* é justificada por ser uma animação de um país considerado “atrasado” em relação ao “centro global”, mas que atinge grandes públicos mundialmente, sendo uma obra de subalternizados que conseguem falar e ser ouvidos. Entretanto, para embasar mais a ideia de que este *anime* dá voz às periferias e aos periféricos, aqui será destrinchada a passagem dos personagens por *Shells Town*, uma parte da história que quebra com a dicotomia bem *versus* mal e levanta questionamentos sobre o enfrentamento aos poderes vigentes. Logo, serão analisados dois episódios, refletindo-se sobre a posição que a narrativa traz e sobre a força contida na subversão, que transforma zombarias e blasfêmias em dispositivos (RINCÓN, 2016) além da ficção, no cotidiano, o qual “se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (CERTEAU, 1998, p. 38).

Após uma breve visão de *Shells Town* no final do primeiro episódio de *One Piece*, o segundo episódio mostra Luffy – o protagonista pirata de 17 anos, de corpo com propriedades de borracha e sonho de ser o Rei dos Piratas –, chegando à cidade com Koby – um adolescente medroso de 16 anos que sonha se tornar Almirante da Marinha, porém passou dois anos sequestrado e escravizado por piratas. Eles buscam Zoro – um caçador de piratas de 19 anos com fama de mau, chamado por muitos de demônio –, figura responsável pela principal questão desta parte da história: Koby acredita no senso comum sobre Zoro, até afirmando: “Se ele está preso, é porque é uma má pessoa”; já Luffy, que pensa em chamar Zoro para ser da tripulação pirata que é capitão, diz que não pode julgar sem conhecê-lo. Enquanto a narrativa oficial, dentro e fora do *anime*, diria que a instituição militar é responsável pelo bem comum e todos os presos são criminosos, tal visão é rapidamente quebrada: na entrada da cidade, a população reage com medo, tanto ao ouvir o nome de Zoro quanto o do Capitão

---

Morgan, marinheiro responsável pela ilha – ao que Koby, representando a crença nos ideais do *status quo*, comenta: “Muito estranho! O Zoro, tudo bem. Mas por que ficam com medo de ouvir o nome do Capitão?”.

Entretanto, ao chegar à base da Marinha, uma série de eventos leva Koby a contestar as próprias ideias e o sonho de infância. Rika, uma menina pequena, interrompe a discussão entre Luffy e Koby sobre perigos e confiança, ao pular o muro da Marinha para levar *onigiris*<sup>3</sup> a Zoro. Koby, como esperado, teme o que Zoro pode fazer com Rika, que a dispensa com grosseria, algo capaz de reforçar a imagem que ele tem de mau. Contudo, pouco depois, entende-se que marinheiros se aproximam como ameaça à criança que ajudou o prisioneiro: Helmeppo, filho do Capitão Morgan, chega, debocha, rouba o bolinho, come, percebe que está com açúcar, esbraveja, joga no chão, pisa e amedronta Rika, dizendo que o pai assinou uma ordem de morte para quem ajudasse Zoro. Por fim, ele ordena que um marinheiro arremesse Rika e, após pedir desculpas para Rika, o soldado cumpre a ordem, mas ela é salva por Luffy, o pirata. Luffy, então, se dirige a Zoro, zombando da prisão prolongada, o caçador de piratas afirma preferir mostrar que consegue arcar com a sentença e pede para comer o *onigiri* doce e pisoteado, elogiando-o como delicioso. Assim, mais tarde, Luffy e Koby se reúnem com Rika; o pirata conta sobre como Zoro gostou do bolinho e Koby questiona as próprias convicções.

O menino que sonha em ser da Marinha acaba perguntando em voz alta se Zoro não é do mal, assim, Rika conta o verdadeiro motivo da prisão, abrindo-se um *flashback*. Três semanas antes, Zoro estava no restaurante de Ririka, mãe de Rika, quando Helmeppo chegou com um cachorro assustador, perturbando os clientes. Rika tentou afastar o animal da comida de um cliente e Helmeppo ameaçou a todos os presentes. Para defender Rika e a mãe, Zoro bateu em Helmeppo e aceitou ser preso por um mês sem poder comer, para que Ririka e Rika não fossem penalizadas. Quando a lembrança termina, o pesadelo retorna: Helmeppo aparece dizendo que vai consumir de graça e, bebendo, afirma que vai matar Zoro no dia seguinte porque está entediado. Ao ouvir o que o filho do Capitão da Marinha diz, Luffy soca Helmeppo e decide que Zoro vai ser realmente um membro da tripulação pirata dos Chapéus de Palha.

Como se Helmeppo já não se mostrasse tão corrupto e autoritário, enfim, o Capitão Morgan é apresentado e a primeira frase que diz é: “Eu sou o maior”, seguida

---

<sup>3</sup> Bolinho de arroz japonês.

de uma reclamação sobre a diminuição dos tributos da população, afirmando que o respeito a ele deve estar acima de necessidades financeiras. Aliás, a prepotência de Morgan faz o filho, que pede para que o pai mate Luffy, parecer uma outra das vítimas do autoritarismo do pai: Morgan responde que Helmeppo deveria ter matado Rika e que não o defenderá, pois só ele, Morgan, é o maioral, e Helmeppo é um idiota no qual nunca bateu porque é perda de tempo. Em contraponto, Luffy volta até Zoro, que está fraco e se apegando a memórias e promessas antigas para continuar vivo, e propõe a entrada no bando pirata, o que abre um debate de crenças, pois Zoro vê piratas como foras da lei, ainda que ele próprio tenha má fama: “Não importa o que pensam, não me arrependo de nada do que fiz”. Contra a ótica negativa, Luffy usa do escárnio, característico de figuras à margem na busca por serem enxergadas, para convencer Zoro, que não recusa mais, apesar de reclamar, e fica impressionado por Luffy entrar sozinho na base da Marinha para buscar as espadas do outro.

Definidos os dois lados do combate, começa o confronto: os marinheiros erguem uma estátua imensa de Morgan no terraço, enquanto Luffy procura Helmeppo para obter as espadas de Zoro. Conforme Morgan afirma que qualquer arranhão na estátua será considerado uma traição a ele, fazendo os marinheiros tremerem de medo, Luffy escuta a movimentação, agarra na estátua sem saber, impulsiona-se para o telhado e quebra o monumento, deixando Morgan furioso. No terraço, Luffy encontra Helmeppo e foge, levando-o consigo, só a tempo de Koby invadir o pátio onde Zoro está preso, pondo Morgan em dúvida sobre qual “traidor” enfrentar. Ao mesmo tempo que Luffy usa Helmeppo como escudo humano contra alguns marinheiros e consegue as espadas, Koby afirma que aquela não é a Marinha da qual quer fazer parte e revela a Zoro que Helmeppo iria executá-lo, motivo para Luffy decidir defendê-lo. Quando Morgan aparece no pátio, Zoro questiona por que ele se esconde atrás de outros marinheiros, com raiva, o Capitão manda os homens atacarem; Luffy, do quarto de Helmeppo, pula na frente dos tiros da Marinha, que ricocheteiam, deixando todos perplexos. O episódio termina quando Luffy responde para Zoro, que questiona quem ele é por não ser ferido pelos projéteis: “Eu sou Monkey D. Luffy e vou ser o Rei dos Piratas”.

Do ponto exato onde terminou o anterior, o episódio três inicia com Zoro chocado pelas palavras de Luffy, o que se soma ao espanto de todos no entorno com a habilidade do pirata, mas o personagem principal apenas fecha o acordo de devolver as espadas, se Zoro se tornar um Chapéu de Palha. Mais uma vez, Luffy usou da zombaria,

questionando se Zoro preferiria ser um fora da lei ou morrer na mão dos marinheiros, porém agilmente eles partem para a ação, porque a Marinha ataca depois de Morgan explicar sobre as *Akuma no Mi*.<sup>4</sup> Com as espadas, Zoro se solta, defende o ataque de todos os marinheiros de uma vez e, ainda segurando-os, impõe com palavras violentas que seguirá o próprio sonho, mas Luffy apoia o pensamento, então Zoro define: “Vou seguir minha ambição, seja como herói ou vilão”.

Assim, Luffy explica os poderes da *Gomu Gomu no Mi*<sup>5</sup> para Zoro e Morgan manda que os marinheiros matem Luffy ou a si mesmos se não forem capazes de cumprir ordens. Koby pede para Luffy acabar com *essa* Marinha. Luffy sabe diretamente contra quem ir e Morgan, por fim, participa da batalha. O Capitão da Marinha fala de si próprio e de patentes, dando a entender que não se misturaria, ao que Luffy responde: “Sou Luffy, muito prazer”, enfraquecendo Morgan com poucos golpes e chocando os marinheiros. Helmeppo usa Koby como refém para proteger o pai e, apesar do medo, Koby se concentra e diz para Luffy não deixar que ele atrapalhe a luta. Luffy afirma saber como Koby seria corajoso e anda na direção de Helmeppo, que está com a arma virada para a cabeça de Koby. No fim, a luta acaba quando Morgan se vangloria e tenta atacar Luffy pelas costas, sendo frustrado porque Luffy derrota Helmeppo com um soco simultaneamente a Zoro cortando Morgan. Fica, então, selada a união entre Luffy e Zoro quando Luffy agradece, Zoro o chama de capitão e Luffy sorri. Os piratas são surpreendidos vendo os marinheiros comemorarem a derrota de Morgan, porém Koby entende e demonstra alívio por nem toda a Marinha ser uma ilusão dos próprios sonhos.

Livres da tirania do Capitão Morgan, os cidadãos se reúnem no restaurante de Ririka, onde os forasteiros são alimentados como agradecimento. Além de algumas graças em torno de o Zoro descobrir como entrou para uma tripulação que só tem dois integrantes e um barco minúsculo; e de debates sobre perigos e a coragem necessária para realizar os sonhos, entre eles e Koby; o final da passagem por *Shells Town* é marcante a partir da aparição dos marinheiros. Após Luffy afirmar que, mesmo seguindo caminhos diferentes, ele e Koby sempre serão amigos, e Zoro alertar Koby de que a Marinha não pode saber da relação entre o adolescente e os piratas – tanto Luffy, quanto Alvida, para quem cumpriu anos de trabalho análogo à escravidão –, a Marinha

<sup>4</sup> Frutas do Diabo, dão poderes a quem as come e impedem que os usuários dos poderes consigam nadar no mar.

<sup>5</sup> Fruta da Borracha, Luffy crê que ela é a responsável pelas propriedades de borracha do corpo.

---

chega perguntando se eles são piratas. Luffy responde que ele e Zoro são piratas sem pestanejar, o Tenente da Marinha agradece a ajuda contra Morgan e informa que precisam partir, fato capaz de dar voz à população, a qual se mobiliza em defesa dos responsáveis pela paz no local. Ainda assim, Luffy chama Zoro para ir embora e, quando os marinheiros questionam sobre Koby estar na tripulação, Luffy começa a contar o passado do amigo, levando Koby a socá-lo, até que o Tenente interrompe a briga, definindo como ficou explícito que não estavam juntos. Só então, Koby toma ciência de que Luffy agiu de propósito, para salvar a reputação do amigo com a Marinha, e percebe como precisou de ajuda novamente, decidindo agir por si próprio num ato de coragem, pedindo para se alistar.

Concluindo a passagem pela cidade, Luffy e Zoro entram no barquinho. Koby se aproxima, agradece batendo continência para os piratas, ao que Zoro ri e ironiza. Rika e a mãe também se despedem, então, todos os marinheiros da região chegam à costa e batem continência. Conforme o barco se afasta, o Tenente afirma para Koby: “Ele é um bom amigo, né?”, o que mostra como sabe do laço de ambos e admitiu o menino ainda assim; nesta hora, Koby segura o choro e confirma, doravante, o Tenente diz que todos quebraram regras e ficarão três dias sem comer, com o que os marinheiros concordam em unísono.

A passagem de Luffy por *Shells Town* é uma demonstração direta da *tática* apontada por Michel de Certeau, que “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 1998, p. 100). Ademais, estes episódios mostram como “O popular está onde quer que estejam as histórias: no território, na vida cotidiana e na identidade das comunidades” (RINCÓN, 2016, p. 29). Em suma, exatamente por ser uma obra feita por subalternizados, *One Piece* têm o pirata, marginal, “fora da lei”, “vilão” ao centro: esta narrativa é uma chave para a busca por cidadania ao ser subversiva e escancarar questionamentos, uma vitória na relação do popular nas mídias, “cheia de jogos de submissão, réplica e cumplicidade” (RINCÓN, 2016, p. 30). Desta maneira, ao entrar no cotidiano do público, o *anime* japonês incentiva e exemplifica as possibilidades de improvisação e enfrentamento das regras no micro, no dia a dia, como defende Certeau.

Logo de início, é possível pensar em assuntos como punitivismo e militarismo através da prisão de Zoro que, não necessariamente, é a justiça contra um crime; outra

reflexão poderosa é a da possibilidade de ação política civil, a qual aparece quando Rika leva *onigiri* para Zoro, ganha força na batalha dos piratas e se estabelece quando a população defende Luffy e Zoro dos militares. Mais ainda, está sempre exposta uma dubiedade com a qual se identificar e acima da qual refletir: a coragem pode vir do fraco e amedrontado; lutas libertadoras surgem de quem usa outra pessoa como escudo humano e soca o rosto de quem não gosta; ou, ainda, um “demônio” julga piratas como criminosos e, no fim, decide se tornar um deles. Aliás, até quem parece um vilão inicialmente, pode ser lido como vítima de um autoritarismo maior, como é o caso de Helmeppo e Morgan. Com os principais personagens tendo a blasfêmia e o enfrentamento como dispositivos, quem assiste é inspirado a “incomodar, foder, xingar o *mainstream* em suas estéticas e políticas” (RINCÓN, 2016, p. 43). Finalmente, se até a Marinha pode reconhecer os piratas e depois voltar ao trabalho como de costume, é importante reconhecer o impacto poderoso desta animação no público, que é complexo, cheio de ambiguidade e vigor, afinal, “O consumidor cultural ‘fabrica’ durante essas horas e com essas imagens” (CERTEAU, 1998, p. 39).

## REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do “mito da Modernidade”**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- ONE PIECE, Japão: Toei Animation, 1999.
- RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: culturas bastardas e cidadanias celebrities. *Eco-Pós*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 27-49, 2016.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.